



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GEOGRAFIA**

JOSEMAR BERNARDO DE MACÊDO JÚNIOR

**ANÁLISE CULTURAL DO RITMO MUSICAL DO NORDESTE BRASILEIRO – O
FORRÓ COMO FERRAMENTA DE ESTUDO GEOGRÁFICO.**

**GUARABIRA
2017**

JOSEMAR BERNARDO DE MACÊDO JUNIOR

**ANÁLISE CULTURAL DO RITMO MUSICAL DO NORDESTE BRASILEIRO – O
FORRÓ COMO FERRAMENTA DE ESTUDO GEOGRÁFICO.**

Artigo, apresentada(o) a coordenação do curso de licenciatura plena em geografia pela Universidade Estadual da Paraíba, campus III como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em geografia.

Área de concentração: Geografia Cultural.

Orientador: Prof. Me. Maria Aletheia Stedile Belizário.

**GUARABIRA
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M113a Macedo Junior, Josemar Bernardo de.
Análise cultural do ritmo musical do nordeste brasileiro
[manuscrito] : o forró como ferramenta de estudo geográfico /
Josemar Bernardo de Macedo Junior. - 2017.
34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Profa. Ma. Maria Aletheia Stédile Belizário, Coordenação do Curso de Geografia - CH."

1. Geografia Cultural. 2. Forró. 3. Escola.

21. ed. CDD 781.63

JOSEMAR BERNARDO DE MACÊDO JÚNIOR

043- CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

TÍTULO: ANÁLISE CULTURAL DO RITMO MUSICAL DO NORDESTE BRASILEIRO – O FORRÓ COMO FERRAMENTA DE ESTUDO GEOGRÁFICO.

AUTOR: JOSEMAR BERNARDO DE MACÊDO JÚNIOR

LINHA DE PESQUISA: Geografia Cultural e da Percepção

Artigo, apresentado à coordenação do curso de licenciatura plena em geografia pela Universidade Estadual da Paraíba, campus III como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em geografia.

Área de concentração: Geografia Cultural

Aprovada em: 06/12/2017.

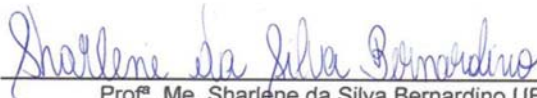
BANCA EXAMINADORA



Profª. Me. Maria Aletheia Stedile Belizário UEPB-CH-DG



Profª. Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques UEPB-CH-DG



Profª. Me. Sharlene da Silva Bernardino UEPB/CH/DG

A Deus primeiramente pela força e iluminação, a minha família, onde me sustenta em todos os sentidos, aos professores de coração aberto para nos ouvir e aconselhar, meus colegas e amigos de turma pelo companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, por me conduzir nos caminhos corretos, por sempre me atender nos momentos difíceis.

A minha família pai (Josemar), mãe (Nina), irmão (Rick) que são essenciais em todos os sentidos de minha existência, salve salve para todos envolvidos no processo de lapidação “vida acadêmica”, a minha orientadora por ser esse ser humano íntegro e de coração com seus alunos “Aletheia Stedile Belizário”.

A professora Sharlene da Silva Bernardino, que me fortaleceu muito na construção deste trabalho e nas aulas ministradas na graduação. E representando todos que conheço fora do espaço universidade exalto Marinalva Vieira, por sempre me aconselhar, elogiar, criticar, uma orientadora da vida digna do meu respeito e admiração.

Meus companheiros de cursos “como não amar”, aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, vocês fazem parte de mim. Meu muito obrigado família!

“No meu sertão tem de tudo de bom
que se possa imaginar tem o sol
clareando lá onde canta o sabiá.”
Raízes do Nordeste (Rita de Cássia).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 JUSTIFICATIVA.....	09
3 A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA CULTURAL.....	11
4 A ABORDAGEM CULTURAL DO FORRÓ.....	14
4.1 A história do forró.....	14
4.2 A transição entre o forró de origem e o forró atual.....	16
4.3 Renovação cultural do forró – ‘Oxente Music’.....	19
4.4 O ritmo forró nas escolas como ferramenta de aprendizado....	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	29
ANEXOS.....	33

043- CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

TÍTULO: ANÁLISE CULTURAL DO RITMO MUSICAL DO NORDESTE BRASILEIRO – O FORRÓ COMO FERRAMENTA DE ESTUDO GEOGRÁFICO.

LINHA DE PESQUISA: Geografia Cultural e da Percepção

(AUTOR): JOSEMAR BERNARDO DE MACÊDO JÚNIOR

(ORIENTADOR): Prof^a. Me. Maria Aletheia Stédile Belizário UEPB-CH-DG

(Examinadores): Prof^a. Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques UEPB-CH-DG
Prof^a. Me. Sharlene da Silva Bernardino UEPB/CH/DG

RESUMO

O presente trabalho, traz uma realidade a respeito da importância da geografia cultural nos estudos das espacialidades, fortemente calcado nas mais diversas formas, valores, costumes peculiares, sob influência de caráter regional, onde essa característica irá determinar a diversidade existente na sociedade e nas problemáticas geográfica, introduzindo o forró e um dos seus principais representantes, além de abordar a essência do mesmo que retrata a cultura popular, e tem como uma das principais ferramenta de divulgação da cultura nordestina, com avanços da globalização, o ritmo cultural musical forró passou por transições e ramificações na década de 1990 e principalmente nos anos 2000. A metodologia adotada nesta análise se baseia em pesquisas bibliográficas, focalizada em teorias como as de CORRÊA & ROSENDAHL, (2003), onde diz que a cultura se trata de um conjunto de técnicas, saberes diversos, que conduz o próprio indivíduo nas relações sociais, e na construção e desenvolvimento da sociedade. A principal questão deste trabalho é entender como a música sendo trabalhada no processo de ensino e aprendizagem nas escolas e na própria geografia. A música permite trabalhar algumas questões da sociedade que irá olhar mais para o indivíduo buscando combater preconceito, já que o próprio sertanejo foi praticamente obrigado a estudar as cartilhas que retratava a realidade do sul e sudeste do país. Com isso os indivíduos serão instigados e motivados através da música a entender esse meio de arte tão apreciado por todas as classes sociais, pode ser utilizado como ferramenta eficaz na exaltação da cultura nordestina conceituada na geografia e na concepção de espaço e preservação. Contudo, atualmente o que é patrocinado, divulgado e reverenciado para todos ouvir, são canções que remete a fatores banais e destrutivos para o consumo sem moderação de uma sociedade alienada pelo sistema capitalista. Então, é de extrema importância resgatar o forró tradicional que fala da nossa cultura, nos mais variados aspectos naturais, social, econômico, manifestações populares, romantismo entre outros; ligados a questões de gênero musical, interação a racionalização e a massificação que tem a capacidade de popularizar o consumo mediático que aborda toda a circunstância e a disseminação do conhecimento, a partir de um ritmo que vai lapidando a sociedade no processo da aprendizagem.

Palavras chave: Geografia cultural, Forró, Escola.

1. INTRODUÇÃO

De acordo como os avanços tecnológicos, as sociedades vão se modificando no decorrer do tempo. É preciso estarmos aptos para desenvolver as inovações que se apresentam, principalmente no âmbito educacional, novas metodologias no processo de ensino e aprendizagem, utilizando a interdisciplinaridade e novos materiais na construção do saber.

A música nordestina irá auxiliar o indivíduo a compreender os fatos relevantes da sua cultura trabalhados nos aspectos geográficos. A geografia cultural, tratando do aspecto paisagem, objetivas ou subjetivas, relacionadas ao cotidiano de cada indivíduo, pode ser retratada em meio às experiências sociais e pessoais e modos de vida. Nesse contexto, podemos inserir a música como uma ferramenta fundamental para expressão de paisagens subjetivas.

Esse tipo de colocação reforça a importância da poesia e da canção para o ser humano desde a infância, a enxergar o mundo à sua volta de forma diferente, menos passiva, e mais criatividade, tornando-o criador de sua realidade. Dessa forma, o profissional da geografia, deve utilizar a música com a certeza e convicção de que essa metodologia é um recurso didático excelente para a mediação do conhecimento, (CORRÊA e ROSENDAHL apud. FERREIRA, 2012, p. (22).

A mediação do ensino com base na musicalidade do nordeste sendo trabalhada junto a vertente da Geografia Cultural, abordando a importância da compreensão das letras do forró de origem . Nesta ótica, ao fazer uma breve observação, percebe-se que a história do Nordeste é contada em versos de canções, de grandes nomes da Música Popular Brasileira, sobretudo, pelo Forró representado pelo Rei do Baião Luiz Gonzaga.

Este poeta levou para o mundo, através de suas composições, a explanação sobre os processos culturais, socioeconômicos, ambientais e religiosos do Nordeste. Suas letras trazem consigo, na maioria das vezes, a fragilidade do trabalhador do sertão, a fim de fazer um apelo aos gestores da região, mostrando que nesta terra rachada existe vida que deve ser lembrada e cuidada.

Desta forma, com base nas letras de músicas deste cantor, será trabalhada a temática em questão, que irá criar fatores e questões na construção do conhecimento como, por exemplo: Como o ritmo forró pode se tornar um recurso didático para permear e iniciar o processo de compreensão e construção de conhecimento geográfico nas escolas, quais os procedimentos metodológicos necessários para motivar o aluno na compreensão do espaço geográfico, por que o uso da música pode facilitar a compreensão dos fatos da realidade, como a utilização do ritmo forró como recurso didático pode influenciar o resgate da geografia cultural do nordeste, qual a contribuição da aplicação do ritmo forró no ensino de Geografia.

2 JUSTIFICATIVA

Em meio aos avanços tecnológicos, o processo de aprendizagem deve ser aprimorado e apresentado a possíveis mudanças, buscando se reinventar e não se estagnar no tempo. Sabe-se que o conhecimento é volúvel e que a cada período ocorrem a quebra de paradigmas, por isso, cabe aos professores tornarem suas práticas de ensino atualizadas, para fins de uma melhor mediação e formação do conhecimento.

De acordo com FERREIRA, (2010), a implicação de possibilidades em músicas intensificou-se com o avanço da tecnologia no século XX. O mesmo assegura que a música acabou sendo objeto de inúmeros cientistas durante a evolução da humanidade, ajudando diversos estudiosos a provarem aquilo que afirmavam dentro da área que atuavam.

No que se refere ao ensino, à música é algo que é aprendido com facilidade, sendo assim, esse método pode ser desenvolvido nas diversas áreas do conhecimento, partindo da criatividade de cada profissional. Cada professor, com sua metodologia específica vai englobar os conteúdos interligando-os ao propósito da musicalidade, fato esse que pode ser exercitado nas diversas áreas do conhecimento, por meio da interdisciplinaridade, com o objetivo de refletir sobre a finalidade do ritmo, identificando seus elementos constitutivos e valorizando a importância histórico-cultural na sociedade, conhecer a história do

forró e os elementos que compõe a organização do forró, reafirmar a importância da poesia e da canção para o ser humano.

Segundo FAZENDA, (1994), a interdisciplinaridade é fundamental para a integração da prática docente. Neste caso, a pesquisa vem mostrar a importância da música para a ciência geográfica, tornando-a um recurso didático a mais para ser trabalhado em sala. Esta importância implica positivamente com a entrada das novas tecnologias na escola, sobretudo no ensino de geografia, pois sendo esta, uma ciência de diversos ramos e áreas, a musicalidade pode contribuir com conteúdo a serem trabalhados.

A metodologia utilizada nesse artigo, baseia-se em pesquisas bibliográficas e documentais, a fim de explicar, teoricamente a temática abordada. A pesquisa busca analisar e conhecer as contribuições teóricas existentes sobre o ritmo musical "Forró", para o contexto cultural e social que pode ser fundamentado no processo de ensino e aprendizagem da disciplina de geografia.

Onde segundo CRUZ (2012), as expressões culturais podem nos demonstrar que os sons, valores e significados se inter-relacionam no fenômeno musical, fazendo que o mesmo diante as transformações e inovações do mundo contemporâneo as manifestações da cultura popular se mantenham vivas, ativas e constantemente atualizadas, onde o forró tradicional, assim como o eletrônico nos mostram como gênero musical segue um processo de atualização o qual estar presente no dia a dia na apreciação dos jovens.

Como diz (MONTEIRO & TROTTA, 2008, p.12) um novo mainstream ligado a exploração comercial experiência musical social, promovida especialmente para um público jovem que deseja compartilhar representações sobre sua identidade etária através das ideias concomitantes de festa, amor e sexo, temas centrais no ambiente sociocultural e afetivo do jovem.

Buscar inserir a música na mediação do ensino, tornando-a um instrumento indispensável para qualquer fundamentação da pesquisa, podendo ser utilizada para diversos fins do conhecimento. Este recurso vai ampliar o grau do saber na Geografia cultural do Nordeste, e incentivar os estudantes a conhecer e utilizá-lo como ferramenta de auxílio para construção e formulação das hipóteses e visionar mais a amplitude em relação a tudo que nos cerca.

3 A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA CULTURAL

A geografia cultural surgiu na Europa no final do século XIX e início de XX e sistematizado com a própria geografia como ciência acadêmica no que se refere a essência e o que era inerente a mesma enquanto ciência.

Nessa época para a geografia ser definitivamente considerada uma ciência, houve muitos conflitos e debates entre os movimentos e seus representantes do historicismo e positivismo que de certa forma contribuiu para sistematização.

A cultura passou a ser vista com outros olhos, quando estudiosos presenciou a rica diversidade junto ação do homem no território, onde os espaços possuía identidade própria, ou seja, modo de vida, técnicas diversas, costumes, gostos, peculiaridades distintas, “ caráter regional”.

Segundo MITCHELL, (2000) apud CORRÊA e ROSENDAHL, (2003) “cultura” é um termo considerado o conjunto de saberes técnicos, crenças, valores, entre outros, e é entendido como parte do cotidiano dos indivíduos, no seio das relações sociais de uma sociedade de classes. La Blache e Ratzel importantes geógrafos que contribuíram na formulação e concretização das análises culturais na ciência geográfica que merecem destaque nas pesquisas:

Ratzel foi um dos primeiros a acreditar na culturalidade no processo de formação da sociedade, acrescentando em seus estudos e livros publicados a questão humanista e ambientalista “ Antropogeográfico”, que faz abordagens da relação do homem com o meio, onde o mesmo está inserido; estimula a difusão cultural é fundamental juntamente com a geografia humana. Lembrando que foi a partir dessa pesquisa de Ratzel na abordagem acima que muitos dos seus trabalhos futuros com ênfase a cultura fossem negligenciados na época.

Para Vidal de La Blache, o meio físico manipula a maneira de viver e ver a vida, mas que os grupos culturais inseridos no determinado espaço podem interferir o processo de desenvolvimento através da culturalidade e seus artefatos e tecnologias, a partir das técnicas hábitos que vai ocorrer transposição de costumes, saberes diversos; ou seja, a cultura está presente no meio através das técnicas que possibilita a mudança, estabilidade de um povo, e a modelagem das paisagens.

A partir da década de 1970, a Geografia cultural passa por um processo de renovação, onde a tradição, calcada na escola de Berkeley, que se trata da geografia vidaliano, onde está transformação se faz através de contextos intitulados "Virada Cultural" um acontecimento que finalmente obteve êxito, mas foi submetida a críticas por geógrafos de diversos caminhos teóricos. Já em 1990 a mesma é renovada com base na valorização da cultura. Porém, esta renovação ocasionou novamente várias críticas partindo de pesquisadores de outras vertentes do conhecimento geográfico. (CORRÊA e ROSENDAHL, 2003).

A geografia cultural é um dos meios para se chegar a um determinado resultado, pois trata-se de uma pesquisa que vai abordar questões sociais, ações, valores, religiões e uma série de fatores que vão impulsionar o processo de aprendizagem. A vertente da geografia cultural opera na construção da identidade dos sujeitos em relação ao seu lugar, bem como, sobre as atitudes da população em relação as suas atividades na idealização e construção de uma sociedade, cada qual com sua característica específica.

De acordo com CORRÊA (1999, p,51) o ressurgimento da geografia cultural ocorre no período pós positivista, parti da consciência que a cultura reflete nas mais diversas vertentes da diversidade, conhecimento, organização do meio e sua dinâmica, ou seja, a cultura é fundamentada para descrever e compreender o espaço " mundo". Onde a principal estratégia para renovação da ciência geográfica no ramo da cultura foi inserir o homem em suas teorias e análises, como membro da espacialidade.

Segundo CORRÊA, 2003 a renovação da geografia cultural é liberta de visão supra – orgânica, ou seja, a mesma é enxergada como uma mediação as questões sociais que não tem método específico para sua explicação, mas se trata de algo a ser explicado.

Com reflexos subjetivos, a cultura não se define apenas aos aspectos materiais, essa reformulação trabalha termos e seus significados, onde passa a integrar a espacialidade humana com base nos conceitos da geografia, exemplos: espaço, território, paisagem, lugar, os mesmos são analisados e trabalhados a partir da diversidade de elementos peculiares que simboliza a construção do cultural que vem trazer novas temáticas.

Na pesquisa e análise da geografia perante a sociedade observamos diversas representações sociais, manifestações culturais, percepção do meio

natural e modificado, identidade espacial, religião e seus dogmas, ritmo musical “forró”, que retrata a realidade embasada na culturalidade de cada lugar.

A geografia cultural no Brasil foi criada em 1934, 60 anos depois da implantação do curso de geografia e história na universidade de São Paulo, mesmo com passar dos tempos esse novo olhar geográfico não foi muito aceito pelos próprios especialistas da área, por ser algo que abrange sociedade – natureza, atrelado aos aspectos relacionado ao censo comum e curiosidades de cada região até então não estudados.

Os poucos geógrafos que reconheciam que é a cultura é essencial para o desenvolvimento da ciência geográfica e a sociedade em geral, os mesmos sofreram preconceitos e não era disponível o necessário para suas pesquisas, com pouco recurso e um amplo e desconhecido território para ser analisado. Com o pouco apurado em seus trajetos, onde abordam a relação sociedade e natureza, favorecendo a diversidade de elementos contidos na área rural, como é caso da agricultura, todo o processo até a chegada do produto na área urbana, e os costumes da população e o povoamento como se originou até esse momento, os mesmos não podiam envolver as suas análises embasadas com a geografia cultural brasileira em seus primeiros 35 anos de existência da disciplina.

Vale ressaltar, que apesar da desvalorização da mesma em seus primeiros anos de existência, muito que foi pesquisado tem contribuído excelentemente no processo para o desenvolvimento da geografia.

Portanto, a cultura é um objeto de estudo sempre atual, para se realizar levantamentos, análises, principalmente para abordar a origem dos fenômenos sociais. Este estudo implica nas descobertas passadas e futuras e pode ser de fundamental importância para a ciência geográfica.

Cultura, espaço e território ambos caminham juntos nesta perspectiva de estudo, pois é através de uma determinada cultura que surge um novo território, ou seja, fortalece as relações simbólicas no espaço, onde essa análise geocultural consiste em revitalizar e reviver as relações existentes no espaço de acordo as etnias e a forma de enxergar e trabalhar o que lhe envolve “ Cultura”.

QUEIROZ (2009), (apud CRUZ, 2012, p.9) indica caminhos, fronteiras e diálogos que caracterizam a inter-relação entre as áreas de educação musical e etnomusicologia, em vista que o seu foco de abordagem estar relacionado com a

dimensão cultural e social que caracteriza as diferentes facetas do fenômeno musical.

Estudar a cultura é manter viva a identidade de um grupo, preservando suas ideologias, mitos e costumes, caso venha ser abandonado no decorrer do tempo, é o mesmo que viver nos espaços e vazios, vendo a história de um povo desaparecer. Desta maneira, com base na geografia cultural, trabalharemos a música, principalmente o ritmo forró, como recurso para mediação do ensino de geografia cultural do Nordeste.

4 A ABORDAGEM CULTURAL DO FORRÓ

O presente trabalho, tem a proposta de abordar questões relacionadas à utilização da música no ensino de geografia. Trata-se, especificamente de abordar o resgate da geografia cultural do Nordeste, por meio das letras e ritmo do Forró. Para isto, são apresentadas pesquisas voltadas para a área cultural.

Segundo OLIVEIRA, (2009), quando ensinamos Geografia, costumamos escrever um livro em branco, pois, de certa forma, se faz necessária uma reprodução desta ciência que deve ser trabalhada de acordo com a realidade dos estudantes. Este fato incrementa ainda mais a posição do professor como articulador de novas metodologias e possibilidades que proporcionem a melhoria do processo da aprendizagem.

Como diz COSTA, (2013, p.62), mais do que uma canção, vale salientar, o forró é uma prática discursiva, uma vez que apresenta rotina de produção, circulação e recepção de textos que são interpretados conforme as formações discursivas e ideológicas que circulam em nosso cotidiano.

4.1 A história do forró

A palavra Forró significa a “música e dança” essa manifestação cultural foi surgindo na metade do século XX, com a migração do nordestino para a região sul, sudeste, centro oeste do país, principalmente os grandes centros comerciais dessas respectivas regiões exemplo do Rio de Janeiro, São Paulo. As suas origens estão atreladas aos bailes da época intitulados “gringos” radicados no

nordeste do país, onde promoviam o chamado for all, termo de origem europeia, que em seguida de forma natural começou a ser chamado de forró CASCUDO (2001, P.249).

Segundo CASCUDO, (2001, p.250), a diversão das festas junto aos pagodeiros surgia a expressão forrobodó, um exemplo disso era após esses eventos, os comentários sobre um tal de forrobodó. É através dessa controvérsia histórica que se explica esse termo.

O ritmo forró se trata de um movimento que acontece nos anos 40, foi uma quebra de paradigma naquela época, onde no Brasil predominava outros ritmos como por exemplo: samba, modas, marchas entre outros fortemente na década de 20 e 30, principalmente em outras regiões do país, onde até então o nordeste estava carente em relação a um verdadeiro manifesto que retratasse de sua região através de um novo ritmo inovador, dançante, alegre, que em suas melodias explorasse a cultura e as histórias do povo nordestino.

Uma dupla que contribuiu grandemente nesse processo inovador foi Gonzaga e Teixeira, ambos já tinha um certo princípio do gênero musical regional, referente ao forró “Baião”, mas até então não existia a autonomia ao ritmo, que para se chegar a ao termo forró, existiu várias designações exemplo: Baião, Xaxado e Xote.

De acordo com Fernandes, 2004 (apud COSTA, 2012, p.120), o forró surgiu no nordeste de forma continua, ou seja, passou por vários estágios, rótulos, reiterados de diferentes vertentes do conhecimento “ritmo forró”, embasado no termo “forró de raiz”, por exemplo, do xaxado que se trata de uma dança tipicamente do sertão nordestino, principalmente apreciado pelos cangaceiros em seus momentos de celebração em grupo, pisoteando o chinelo de couro no chão rachado. Se tratando de um gênero não autônomo, pois se tratava de algo voltado apenas para a dança.

Já o baião existia antes do Luiz Gonzaga, no nordeste existia os chamados tocador de viola, onde designava os seus instrumentos a cantigas com linguagens regional introduzido aos versos do contador, que afinava a viola e depois esperava fluir a inspiração da rimação para o público ouvinte, foi a partir daí que surgia a designação musical “Baião”, baseado nos desafios dos cantadores entre um verso e outro. Gonzaga aderiu ao baião como vinha até então, baseado no

improvisado, onde tudo era muito restrito e orquestrado em relação aos empreendimentos da época.

Para Albuquerque Júnior, 1999 (apud COSTA, 2012, p.122) uma recriação comercial de uma série de sons, ritmos, e temas folclóricos do nordeste. Gonzaga inaugurou o trio instrumental composto por sanfona, zabumba e triângulo e além dessa tríade original, buscando se aproximar das raízes sertanejas, começou a compor a sua própria imagem de nordestino, no qual o chapéu de couro foi sua marca registrada.

De acordo com CHIARA (2006, p.71) com Luiz Gonzaga, o baião, o xaxado e o xote foram popularizados e sistematizados numa expressão urbana, representando a música regional nordestina.

Gonzaga aplicou no ritmo forró um repertório temático e condizente com os aspectos geográficos contidos em sua realidade, onde o mesmo estava inserido, e de boa parte da população nordestina, principalmente se tratando dos menos favorecidos dos sertões que eram explorados pelos grandes latifundiários e fazendeiros “elite”, que na época a maioria sediavam nos litorais brasileiro, mas comandavam e davam as ordens do agreste ao sertão.

Diversos fatores contribuíram bastante nas criações de obras musicais do Gonzagão, aspectos naturais “geográfico”, sociais, antropológicos, culturais entre outros, um grande exemplo foi a migração para a região sudeste do país, impulsionado pela seca, fome, desemprego, desvalorização, falta de oportunidades. O mesmo também faz críticas evidenciando o tradicionalismo posto pela elite da sociedade dominante, onde só se beneficiam eles mesmo, disparou contra as contradições e as explorações do homem do campo “sertão”, acusou os problemas do nordeste a falta de compromisso dos representantes “os políticos”, sobretudo relacionado a seca, violência, desemprego, fome “miséria” o básico que é essencial, mas tão distante dos necessitados.

Tudo isso reverenciado em forma de canção, dança e esperança por dias melhores, exaltando suas crenças “proteção divina” através de suas religiões, normas e costumes específicos tradicionalizado pela cultura.

4.2 A transição entre o forró de origem e o forró atual

O forró surgiu em meados do século XX, nas casas de dança nordestina, o mesmo virou febre nacional, chegando a diversas cidades. Existem três estilos marcados pelo som da zabumba, triângulo e sanfona: o xote, de origem europeia é o mais lento; o baião, criado em 1940, é o mais rápido e exige mais deslocamento; já no xaxado, os movimentos são marcado por um dos pés batendo no chão.

Relatam que na segunda guerra mundial, os Estados Unidos instalaram uma base militar na cidade de Natal/RN, com cerca de 15 mil soldados, que causaram forte influência nesse espaço. Durante este período as áreas em que se organizavam os bailes eram conhecidas como “for all”, que posteriormente ficou conhecida pela expressão “forró”.

Luiz Gonzaga deixou seu legado com grandes tributos musicais a sociedade, principalmente aos fragilizados, fora dos padrões capitalistas, onde prevaleceu a exploração dos pobres como impulso para o enriquecimento da classe abastada da época, e onde atualmente prevalece devido a dinâmica desigual gerada por um sistema guiado por empresários e políticos corruptos. Porém, com o passar do tempo a melodia que retratava o amor, as riquezas culturais, as tristezas e os pesares de origens nordestinas, vem sendo desvalorizada e perdida diante dos diversos ritmos que estão no auge.

Na década de 1990, surge uma novidade no cenário musical do nordeste brasileiro, com a batida diferente acrescentado novos instrumentos que não existiam no tradicional forró pé de serra. Iniciou-se então um novo ciclo que iria dar continuidade ao legado deixado. A banda de forró Mastruz com Leite, de Fortaleza/CE, foi a pioneira nesse mercado musical, a mesma dava continuidade as boas melodias que retratava a situação do povo nordestino, casos de amor, e o próprio cotidiano árduo e a simplicidade.

Segundo SILVA (2003), (apud CRUZ, 2012, p.6) o forró universitário é uma ramificação que surge a partir de 1975, mas se solidifica em 1990, sendo a fusão do forró tradicional com ritmos como o pop e rock, mixando assim valores destas diferentes linguagens, ganhando adeptos e apreciadores da classe média em destaque os estudantes e universitários. Foi amplamente reconhecido pela indústria fonográfica como forte produto comercial, sendo assim difundido de forma significativa pelas grandes mídias.

Depois da Banda Mastruz com Leite, surgiram diversas bandas como é o caso da Banda Magníficos, em Monteiro/PB, e Limão com Mel, em Salgueiro/PE. Todas com a mesma batida, alcançando o sucesso nacional e internacional levando a cultura nordestina para todas as partes do mundo.

Posteriormente foram criadas diversas bandas empregando centenas de pessoas, e assim crescia o mercado musical que abraçava as causas verídicas do cenário árduo da população nordestina, e também a cultural que passava a ser respeitada por outras regiões onde a música era transmitida. Porém, até hoje existem preconceitos, tanto em relação ao povo nordestino, quanto ao próprio ritmo, que retrata o cotidiano das pessoas do nordeste.

No início do ano 2000, as bandas que resgatavam e transmitiam as raízes do nordeste foram perdendo força, e dando espaço as novas bandas de forró, que possuem um estilo mais atual, porém, que retrata apenas aspectos voltados para ostentação. Este novo tipo musical, é o que chamamos informalmente de “forró de plástico”, que vem alienando as futuras gerações, com falta de conhecimento de sua própria realidade geográfica.

No caso do forró atual, a cisão entre o pé de serra e o eletrônico aponta para a complexidade destes julgamentos e enfrentamentos morais. Aparentemente as duas vertentes estilísticas encontram-se em espaços morais radicalmente distintos e antagônicos. No entanto, um exame mais detalhado das sonoridades, letras e estética visual apresentada revela que ambos partem de uma mesma posição conservadora em relação a sexualidade e entre outros temas fundados numa rígida divisão de funções, papéis e estereótipos masculino e feminino mais as claras, o forró eletrônico da atualidade exagera, em referências visuais e poética explicitamente sexuais e o consumo sem moderação etc..., em quanto o pé de serra e o forró das antigas atual mascara o terreno da sexualidade, devolvendo a penumbra e as festas das relações tradicionais, essencialmente rurais (TROTTA, 2009,p.144).

Atualmente não existe reflexão ao ouvir uma canção de forró, ou seja, os artistas que estão sendo patrocinados pela mídia para produzir estes novos ritmos e letras, visam apenas o consumo como determina o capitalismo. Estas músicas são apenas objeto do capital, fortalecido pelos meios de comunicação, influenciam a manipulação dos indivíduos, voltados para o consumo sem moderação, deixando de lado, as verdadeiras letras do forró de origem e a realidade, onde o forró dos anos 90, também era comercial, mas retratavam melhor o cotidiano das pessoas.

4.3 Renovação cultural do forró – ‘Oxente Music’

A mudança do forró tradicional para o eletrônico, ocorre fortemente depois da perda do seu principal ícone “Luiz Gonzaga”, o ritmo até então já vinha sofrendo ramificações de outras culturas, e um dos estilos mais populares para ocorrer essa metamorfose foi o Oxente music da Bahia “Salvador”, fazendo com que o mesmo mudasse radicalmente sua batida com instrumentos modernos, acrescentando toda uma parafernália de som, luz, uma junção de guitarra, teclado, sax, entre outros atrelados aos que já eram utilizados no tradicional, no caso da sanfona, triângulo e zabumba.

O forró contemporâneo surgiu na cidade de Fortaleza – CE, um dos seus idealizadores buscou apoio de pessoas envolvidas na música, começaram a idealizar, criar, se reinventar com os compositores da época, a partir daí se iniciava um novo ciclo no mercado fonográfico da música nordestina, onde começou a surgir as primeiras bandas de forró.

Uma nova história se iniciava, já que o mercado estava carente da sua principal referência que era o rei do baião “Luiz Gonzaga”, o eletrônico “estilizado” na década de 90 passou a oferecer para o público ouvinte um produto baseado em suas próprias referências culturais, com letras relatando o social do povo nordestino e a melancolia dos casais apaixonados.

O grande idealizador desse movimento inovador foi o empresário Emanuel Gurgel, que era dono de um time de futebol chamado de Mastruz com Leite, marca essa que mudaria a história do forró, onde o mesmo passou a investir e trabalhar com bandas de forró, o seu primeiro investimento foi a banda Aquarius e em seguida a grande revolução da cultura nordestina “A banda de forró Mastruz com leite”, em seguida Cavalos de Pau, Mel com terra, Catuaba com Amendoim, entres outras.

Mas, como o preconceito na época era tão evidente, dificultava a execução desse movimento a nível estadual e nacional, com o pouco arrecadado em seus produtos, Emanuel Gurgel decide criar uma rede de rádios via satélite chamada de som zoom sat, para divulgar e alavancar o sucesso de sua indústria musical, onde hoje em dia a rede integra os seguintes segmentos: Som zoom Studio,

rádio, editora passaré, fábrica de amplificadores, casas de shows de forró, e parque de vaquejada.

O forró em suas origens representa uma música do povo, mesmo passando por fases de discriminação e críticas, feitas pelos elitistas sobre as ramificações presentes nos dias atuais RABELO,(2007), apud CRUZ, 2012 p.4).

O mesmo foi estrategista no meio empresarial, lançando rede de comunicação “rádio”, visando na força dessa ferramenta par expandir elementos da cultura popular nordestina através de sua programação diversificada e eclética, onde traz no conteúdo o linguajar coloquial, humorístico baseado na regionalidade cultural.

A rede som zoom Sat e formada por 98 emissora espalhadas por 95 cidades em 15 estados do Brasil, reproduzindo, integralmente ou parcialmente, inclusive via internet, as 25 horas de programação ao vivo, geradas de um estúdio independente, montado edifício – sede da empresa em Fortaleza- CE (PEDROZA, 2001, p.2).

A década de 90 foi o período áureo para a consolidação do forró eletrônico, uma novidade que revolucionou, rompendo barreiras e alcançando a grande mídia nacional, sendo alvo de críticas, mas abraçado pela popularidade que era representada por letras que retratava a originalidade dos menos favorecidos, socioeconômico, questões climáticas, crenças, inocência, esperança de uma grande massa em busca de dias melhores.

O seguimento foi sendo copiado por diversos empresários do nordeste e de outros estados do Brasil. O sistema capitalista exigia cada vez mais do ritmo, sendo, criado milhares de bandas de forró, atendendo uma grande demanda de funcionários e envolvidos no movimento, assim fortalecendo a econômica e contribuindo para o desenvolvimento das classes sociais.

Esse mercado vem a cada dia conquistando seu espaço, pois se trata de produtos da indústria cultural manipulado pelo capital e investido neste movimento da cultura nordestina, para atrair e obter lucratividade, ou seja, é um processo rotativo, onde os personagens principais que fazem acontecer o sucesso “público nordestino”, são descartados do meio, por questões financeiras, competitividade, ou até manobras do mercado consumistas de outras culturas.

Na atualidade São pouquíssimas bandas que mantêm sua essência “identidade cultural”, mas para não ficar estagnada no tempo, já que o sistema radicaliza essas bandas de se adequam com a modernidade exemplo disso são: as cenografias, balé, coreografias, instrumentos, som, luz, painéis de led, entre outros, inspirados em outros ritmos nacional e internacional, mas focalizado na cultura de onde surgiu.

As ideias estrategistas criadas pelos proprietários das bandas atuais se baseiam na necessidade que o público quer consumir, qual a modinha do momento, tudo alienado e atrelado à mídia patrocinada.

Segundo SILVA (2010), a indústria cultural cria um modelo para ser adquirido pela massa que para não se entediar com os mesmos elementos culturais existentes no forró tradicional e nas pioneiras do eletrônico, começam a surgir os bombardeios sonoros, ditos em duplo sentido. Tudo em nome do sucesso, totalmente fora do contexto natural da realidade de um povo, visando só o lucro.

Exemplos da precariedade são algumas bandas de forró que surge nos anos 2000, onde traz em seus repertórios músicas que fere, denigre a alma do ouvinte que é coerente e lúcido com a sua existência em sociedade, que é acostumado em ouvir suas histórias do sertão, amores e paixões de toda uma geração, onde hoje em dia está se perdendo no tempo, aquilo que acrescentava algo de bom na vida das pessoas, ou seja, a sua existência na própria essência.

Onde o forró eletrônico ganha a feição de um produto comerciável, e como tal obedece a lógica da oferta e da procura, concebida a partir de modelos cujo êxito comercial é garantido, ao recorrer as táticas de divulgação publicitária (ALENCAR, 2010, p.18).

O epicentro das tradições culturais regionais na atualidade reverenciam o forró de plástico, como maiores representantes dos festejos, que são as famosas festas juninas, lembrando que esses levantamentos que a mídia apelativa faz, não tem embasamento concretizado e elaborado com a realidade, pois se trata de músicas de sucesso por tempo determinado “Modinha do momento”, sem fundamento e muito distante das tematizações das festas juninas e a própria característica da cultura regional.

Como diz (COELHO, 1995, p.11) “A cultura feita em série, industrialmente para o grande número de ouvintes passa a ser vista não como um instrumento de livre expressão, crítica e conhecimento, mas como produto trocável por dinheiro”.

Atualmente nos meios de comunicação dificilmente se ouve ou assiste, grupos de forró, onde em suas canções relata o nordestino e suas peculiaridades. Para muitos já alienados pelo sistema dizem que falar sobre fatos reais é lorota, brega, careta, antigo, ultrapassado etc., quem vive de passado é museu.

Ultimamente nos topos das parada de sucesso, tudo que se ouve não representa o povo da região nordeste por intermédio das músicas de forró atuais. Enfim, argumentos existem, o gosto parte de cada um, estratégias “lucro”, algumas esclarecidas, outras ocultas, esse é o mercado competitivo manipulado pelo capitalismo que utiliza elementos contraditórios fora do contexto tradicional, mas idealiza uma conciliação como método negativo a serviço de resultados positivo “consumo e lucro”.

Segundo DAVID HARVERY (1994, P.308) realça esse caráter de ocultar a realidade literalmente conectado aos avanços da reprodução do capital, onde o processo, mascara, cria personagens fictícios, para alcançar o sucesso mediante a destruição do que é original, ou seja, a criatividade das culturas.

O sistema se renova e cria novos desejos, causando a necessidade, exploração, trabalho do indivíduo perante a sociedade que não se deve deixar levar pelas novidades proposta pela globalização, processo esse que se alastra a cada dia, manobrando a população.

4.4 O ritmo forró nas escolas como ferramenta de aprendizado

A Geografia é uma disciplina que abrange diversas áreas do processo de conhecimento, a mesma é pautada também em todo o contexto cultural das sociedades. Sendo assim, porque não aproveitar essa busca do entendimento da realidade geográfica por meio da ferramenta musical e do ritmo forró?

Porém, no âmbito educacional, diante da nova cultura musical, do forró de plástico, muitos podem se perguntar, como orientar os jovens a ouvir e refletir sobre as boas obras que transmitem a realidade nordestina. Como por exemplo,

Luiz Gonzaga e Mastruz com Leite, que retratam em suas canções desde os aspectos físicos da paisagem aos aspectos socioeconômicos do Nordeste.

De acordo com ALBUQUERQUE Júnior p. (1999), a música assim como outras formas de passar o conhecimento a exemplos do cinema, pintura, entre outros métodos, além de representar a realidade, a mesma se instituem em fatos reais, desta forma apreende o fenômeno musical que é além do lúdico, entender esse meio que pode e deve ser utilizado como elemento para estudar as realidades sociais.

Desta maneira, busca-se integrar o uso da musicalidade no ensino, a fim de expor para os discentes que, com base nas letras do forró de origem, pode-se observar que o que anteriormente era ouvido, hoje é vivido. Assim, os estudantes tornam-se sujeitos instigados e motivados, através da musicalidade a perceber em sua realidade as transformações existentes desde as décadas passadas.

Segundo FREIRE, (1996), não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino. Pode-se perceber então que, esse processo mútuo, realizado constantemente, pode ser interligado com as diversas novidades do mundo, e trabalhado junto aos discentes em forma de pesquisa, para que as aulas não se tornem uma simples descrição de assuntos da disciplina de Geografia, assim incentivando os discentes a participarem do processo de ensino-aprendizagem.

O ensino de Geografia não pode ter como eixo central o assunto tratado, mas a propriedade de oferecer ao aluno a possibilidade de utilizar o tema tratado para aprender outras coisas. (SELBACH,2010, p.83).

De acordo com CORREIA e KOSEL, (2003), a música auxilia na aprendizagem de várias matérias, ela é um componente histórico de qualquer época, pois por meio da musicalidade, os estudantes podem apreciar várias questões sociais e políticas. De acordo com os autores supracitados, o professor pode utilizar este recurso em vários segmentos do conhecimento, sempre de forma prazerosa, sejam eles, na expressão e comunicação de linguagem, lógica, matemática e conhecimento científico. A utilização de música pode incentivar a participação, cooperação, socialização, e assim diminuir as barreiras que atrasam a democratização curricular do ensino.

A relação da música com o ensino de Geografia irá contribuir na formação do indivíduo, para que ele compreenda melhor os aspectos da ciência geográfica, por meios da análise e comparações do texto expresso na parte narrativa, quanto

na parte dissertativa das canções. Pois, a música é um instrumento de grande importância no desenvolvimento, na capacidade de analisar, contextualizar e expor ideias de conceitos da própria Geografia, como é o caso da cultura, lugar, natureza entre outros.

De acordo com PASSINI, (2010), no decorrer da última década surgiu um novo mundo, com grandes mudanças, principalmente no campo das telecomunicações. A escola como espaço secular da sociedade, deve acompanhar essa revolução tecnológica para que os educandos sejam cidadãos. Concordamos que as novas tecnologias da informação e da comunicação interferem na organização do trabalho e das ideias, e justamente por isso é preciso aprender a utilizá-las como ferramenta auxiliar na tomada de decisões para nos tornarmos usuários críticos.

Por isso, a música, pode ser utilizada para trazer várias reflexões sobre as questões do espaço e tempo que são categorias centrais nos estudos geográficos. Como podemos analisar, trechos das canções.

A volta da Asa Branca

A seca fez eu desertar da minha terra
Mas felizmente Deus agora se alembrou
De mandar chuva Pr' esse sertão sofredor
Sertão das muié séria dos homens trabalhador

Essa composição, traz uma mensagem verídica dos problemas naturais enfrentado pelos nordestinos, principalmente os que reside no sertão “a falta da água”, vegetação, plantio, cultivo, para o desenvolvimento da comunidade e conseqüentemente gerando a pobreza e a falta de opção para sobreviver. Partindo para outras regiões do país para manter a família lá no sertão. Com a chuva, retorna a esperança de dias melhores para o agricultor e a ingenuidade do amor deixado “esposa”.

Raízes do Nordeste

No meu sertão tem de tudo de bom que se possa imaginar
 Tem o sol clareando lá onde canta o sabiá
 No meu sertão xique – xique é a bandeira do nordeste
 Tem forró, vaquejada, xote baião de leste a oeste

O mastruz com leite, traz fatores bem comuns no nordeste brasileiro, como é o caso das questões climáticas, costumes, curiosidades peculiares da região, a cantiga do pássaro “sabiá” faz alusões ao clima, propaga o forró como ritmo típico da cultura que resgata as riquezas desses espaços, com características próprias nas suas tradições, crenças, manifestações popular, valorizando a identidade.

Um forró mais comercial e moderno, mas com referências a suas origens, cotidiano das pessoas na percepção de espaço, e o investimento em letras que também resgata o romantismo.

Vou dar Virote

Eu vou beber até o dia clarear
 Vem pra minha mesa que hoje e open bar
 A noite não tem hora pra acabar
 E vou dar virote, eu vou dar virote
 Eu sou patrão tô estourado e essa vida é pra quem pode
 Eu vou dar virote, eu vou dar virote
 E pode chamar o samu
 Que hoje eu vou tomar glicose

Considerada modinha do momento, com exerço de repetições para grudar na mente das pessoas, essa música traz para o público em suas letras apologia ao vício de bebidas alcoólica, consumo sem moderação, ostentação, comportamentos obscenos, soberba, vaidade, egocentrismo, ofensa, oprimindo principalmente os jovens que são alienados, e acabam cometendo atos ilícitos para usufruir desses caprichos posto pela sociedade manobrada pelo sistema capitalista que visa apenas o lucro. Fazendo com que as culturas se desintegrem, se tornem em algo careta, ultrapassado sem credibilidade.

Assim, podemos perceber que a música, nesse caso o forró, como ritmo musical, pode ser um instrumento para mediação do processo de aprendizagem de uma sociedade coerente e acessível com a sua realidade espacial, cultural, e críticos para as investidas da mídia patrocinada pela elite do capital.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura se expressa nas mais variadas manifestações, onde os seus personagens se aglomeram em diversas situações e condições sociais, ocorrendo a aproximação com diversas ideologias e expressões culturais, através de suas práticas e costumes.

O indivíduo tem a consciência concreta de sua concepção no espaço, caracterizado por suas representações e tradições, impondo a costumes oriundo de outras vertentes imposta pela indústria capitalista, que explora a mesma através dos meios como a mídia que abrange uma grande público, onde vai mostrar a grandiosidade dos acontecimentos temporários que ocorre em determinado período do ano como as festas de São João, onde a cultura é incorporada a modificações para que o popular se torne em algo nacional e comercial. Neste caso a cultura se trata da afirmação de identidade, porque traz no seu alicerce, uma autenticidade incontestável sem afetividade com as demais.

A região nordeste é agraciada em riquezas em todos os aspectos, ou seja, são acontecimentos vivos, diários e naturais, que cresce de acordo com sua essência sem influência do capital, pois se trata de trabalhos em conjunto com a comunidade, preservando o natural, criando artefatos diferenciado, produção caseira, vestimentas, entre outros, onde a população é o principal protagonista dessa ação.

Portanto, nesse trabalho faz abordagens do quanto é favorável e eficaz na ciência geográfica reforçar a importância da cultura, através de suas análises para compreender a dimensão de peculiaridade, costumes diversos faz com que o processo rotativo transcorra de acordo com o modo específico de cada grupo inserido nessa espacialidade, onde servira para mediar nos mais diversos aspectos existentes na sociedade, principalmente se tratando das questões sociais atrelado a cultura.

Vale salientar, métodos para a construção do conhecimento baseado nas músicas de forró no processo da aprendizagem, para uma sociedade mais instruída com tudo a sua volta, aí está alguns requisitos: Promover a funcionalidade da música no processo de ensino e aprendizagem da Geografia no âmbito escolar; Identificar as formas de construção de uma sociedade igualitária sem preconceito utilizando métodos para auxiliar na formação do conhecimento geográfico através do forró que dá ênfase a cultura, e a questão do relacionamento social; propor ideias baseadas nas melodias que tratam da questão social e sua contribuição na dinamização de conteúdo; analisar a importância do uso das melodias que retratam a realidade do nordestino no ensino da Geografia, e o processo de leitura e interpretação das canções do forró de origem.

Um dos instrumentos que propaga a cultura é a música, nesse caso o “Forró”, um ritmo tradicional do nordeste que traz em suas obras relatos da realidade da população dessa região, e com o passar do tempo, os atuais artistas manipulados pelo sistema capitalista que decide o que a sociedade deve consumir, camuflando a real situação dos fatos, como é o caso das tradições culturais, o clamor do povo “dificuldades”, o amor prevalece, aspectos naturais e antropológicos, toda uma referência difundida nas problemáticas geográfica articulada nos mais diversos conceitos e temas da cultura, atrelado a questões de território, poder econômico, política entre outros.

O capitalismo é devastador e usurpador, pois se trata de um sistema manobrado para deslumbrar a sociedade, para conseguir seus ideais “lucro”, utilizando dos mais diversos meios para comandar literalmente todas as vertentes.

As mídias TV, rádio, revistas, jornais e a internet, patrocinados por esse sistema é um dos principais meios que contamina com fatos fabulosos, distante da realidade das pessoas em seu espaço natural.

O mesmo ocorre com o forró tradicional formado por Gonzagão, Dominginhos, Jackson do Pandeiro, Flávio José, Alcimar Monteiro entre outros percussores, e o eletrônico das bandas Mastruz com leite, Magníficos, Limão com mel etc., que iniciaram suas atividades no início dos anos 90, onde as mesmas em seus trabalhos atuais faz uma releitura dos fatores referente a sua gente

“nordestino”, questões sociais, naturais, religião, sentimento amorosos, aspectos culturais e geográfico.

Hoje em dia os mesmos são descartados das grandes mídias nacional, eventos de grande porte visível a grande massa, aos poucos caindo no esquecimento por que será, a resposta está evidente, pois esses artistas nordestinos continuam levando para o público a cultura espacialidade tradicional, relatos amorosos sem denegrir e ofender, e fazem críticas as problemáticas existentes.

Já o outro lado acobertado pelo poder econômico, em suas músicas só traz apologias ao sexo, bebida, consumo, mulher, onde tudo é permitido “ostentar sem moderação”, ou seja, o sistema insere esses grupos em uma bolha flutuante, onde são ordenados, usados e depois descartados.

De acordo com Monteiro e Trotta, (apud COSTA, 2013, p.62) o forró eletrônico alcançou o ápice do domínio comercial que vislumbra conceitos relacionados a quantidade e os seus limites de classificação, onde esse exercício musical estrategista serve como simbolismo representativo da juventude de hoje em dia.

As temáticas preponderantes no forró modernizado atualmente, e representado por nomes de grande destaque pela civilização capitalista são elas: Aviões do forró, e Wesley Safadão, onde demonstra em suas músicas um mundo caracterizado pela superficialidade de sentimentos limitado, adentrando mais a diversão vinculado ao sexo, festas, bebidas, danças depravadas, ostentação, e seus possíveis encadeamento para o entretenimento de uma grande massa alienada.

Como diz FEITOSA, (2008, p.07), são frequentes as referências de imaginários construídos nos símbolos de consumo desse público (carros, bebidas alcoólicas, equipamentos modernos diversos etc.), nas suas relações afetivas, ou no uso de expressões contemporâneas.

Então é de extrema importância mostrar a importância da música do dia a dia, no processo de socialização, e preservação cultural de um ritmo regional que faz referências a realidade do povo nordestino. Onde inserido no ensino da Geografia, vai abranger diversas áreas da ciência, já que o mesmo é instrumento ouvido por todos, especialmente os estudantes, aproveitando o ensejo para

trabalhar a disciplina geográfica com base em músicas, principalmente as que relatam a nossas origens, e o cotidiano dos mesmos, e saber distinguir as mensagens retratadas nessas canções para termos o discernimento do real e do imaginário criado pelo sistema consumidor, para não caírem nas armadilhas de um mercado tão competitivo que despreza os valores de toda uma história verídica, “seu próprio eu” em nome do lucro e o engrandecimento de uma realeza que nós adentra de acordo com suas necessidades.

Contudo, é eficaz levantar a bandeira do forró das antigas, já que é um movimento que resgata a boa música, ressaltando as maravilhas e mazelas de uma região, o suor do trabalhador, tradições culturais e amores, todo um contexto histórico baseado em fatos reais que deve ser trabalhado em todas as ciências, principalmente a geográfica que estuda a ação do homem no meio, e tudo que nos envolve “vida”. Isso sim é educação que deve ser empregada na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras aves**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

ALENCAR, Claudiana Nogueira. **As construções dos sentidos da violência nas práticas culturais do sertão central do Ceará**. Relatório de pesquisa: Programas de Bolsas de produtividades em pesquisa e estímulo à interiorização-FUNCAP- Fortaleza, 2010.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Seleção, Organizações, Notas e Estudos de Américo de Oliveira Costa**. Rio de Janeiro, 1998.

CHIANCA, Luciana. **A festa do interior. São João, migração e nostalgia em Natal no século XX**. Natal, RN: EDUFRRN, 2006.

COELHO, Teixeira. **O que é Indústria Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia Cultural: Passado e Futuro- Uma introdução**. In: ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA, R.L. (Orgs). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EJUFRJ, 1999.p.49-58. (Série Geografia Cultural).

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural. Introduzindo a temática, os textos e uma agenda**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.p.9-18.

CORRÊA, L, R e ROSENDAHL, Z. **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, 224p.

CORREIA Marcos Antonio e KOSEL Salete (2009). **Representação e Ensino: Ressignificação de Conteúdos Geográficos por meio da Música**. Luminária número 10/2009.

COSTA, Amanda Abreu. **Mulheres no forró: Estilizações de gênero, discurso e ideologia**. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza/ CE.

COSTA, Jean Henrique. **Indústria cultural e forró eletrônico no Rio Grande do Norte**, Natal, RN, PUCS/ UFRN, março, 2012.

COSTA, Jean Henrique. **Interpretando temáticas hegemônicas no forró eletrônico**, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Maringá v.36 N.L, P. 93, março, 2014. Mossoró.

CUNHA, S, Adriana. SANTANA JÚNIOR, R, José e MAIA, S, Elizabete. **O nordestino e a seca no estudo da Geografia: Trabalhando com música em sala de aula**. Itabaiana/SE, Ed. UFS, Set 2011, p. 1.

CLAVAL, Paul. **A contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na geografia**. In: Corrêa, R> L>; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. P. 140-155.

CRUZ, Rogério Hilário da. **Forró: Práticas musicais na escola Adonis em Anápolis- GO**, ano: 2012, p-9.

FAZENDA, C.A. Ivani. **Didática e Interdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papyrus, 1998. - (Coleção Práxis).

FERREIRA, Nunes, Manuela. **A música como recurso didático na aula de geografia**. Brasília, DF, Ed. UNB, junho 2012. p. 8, 14, 17, 22, 23.

FERREIRA, M. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: contexto, 2002.

FEITOSA, R. A. S. **Apontamentos para uma aproximação crítica do universo do forró pop**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31; 2008, Natal, RN. Anais...Natal; Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008, p. 1-15.

FURTADO, M, de D, Francisco. **Geografia e suas modalidades (in) Possibilidades do uso da Música no Ensino**. Fortaleza: Ed UFC, 2010. P. 2, 3, 7.

FIDÉLIS, L. **Meio Dia**. Interprete: Mastruz com leite. Álbum: Rock do Sertão. Fortaleza, ano. 1994. Faixa 13.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **O compromisso profissional com a sociedade.** In: **Educação e Mudança.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GONZAGA, L; TEIXEIRA, H. Assum preto. Interprete: Luiz Gonzaga. In: Luiz Gonzaga. **Quadrilhas e Marchinhas.** São Paulo: RCA Victor, p 1979. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 2.

GONZAGA, L. DANTAS, Z. Riacho de navio. Interprete: Luiz Gonzaga. In: Luiz Gonzaga. **Danado de bom.** São Paulo: RCA Victor, p 1984. 1 disco sonoro lado A, faixa 2.

HARVEY, D. **Condições Pós- Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1994.

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Cultura de Massa.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LETRAS.MUS.BR **A volta da asa branca.** Portal terra. Disponível em:< <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/664045/>>. Acesso em: 09 dez. 2017.

LETRAS.MUS.BR **Raízes do nordeste.** Portal terra. Disponível em:< <https://www.letras.mus.br/mastruz-com-leite/741405/>>. Acesso em: 09 dez. 2017.

LETRAS.MUS.BR **Vou dar virote.** Portal terra. Disponível em:< <https://www.letras.mus.br/wesley-safadao/vou-dar-virote/>>. Acesso em: 09 dez. 2017.

MONTEIRO, Márcio; TROTTA, Felipe. **Novo mainstream da música regional: axé, brega, reggae e forró eletrônico no nordeste.** E- campos. Associação nacional dos programas de pós- graduação em comunicação. Brasileira, V. LL n. 2, maio/agosto 2008.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Ensino de Geografia e Ciências de comunicação: Por uma Geografia Mundana.** In Revista Mercator. Fortaleza: UFC, 2004, ano 3, número 06, p.61- 70.

OLIVEIRA, Chistian Dennys Monteiro de. **Sentidos da Geografia Escolar.** Fortaleza: Ed UFC, 2009.

OLIVEIRA, Soraya Castro de Lima, SILVA, Gustavo Siqueira da. **A importância da abordagem cultural na Geografia: Uma perspectiva de aplicação.** III encontro de Geografia: A geografia e suas vertentes: Reflexões, VI Semana de Ciências Humanas 16 a 19 de novembro/ Instituto Federal Fluminense/ Campos dos Goytacazes-RJ.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura.** São Paulo: Brasiliense 2000.

PASSINI, E. Y; PASSINI, R; MALYSZ, S. T. **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2010.

PEDROZA, Ciro, José Peixoto. **Mastruz com Leite** Fom All, In:intercom, sociedade da comunicação. Campo Grande/ MS-setembro de 2001.

QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva; MARINHO, Vanildo Mousinho. **Práticas para o ensino da música nas escolas na educação básica**. Porto Alegre, v. 1, n.1, outubro de 2009. ISS n 21 753172.

RABELO, Samantha Cardoso. **Forró - mais definições em trânsito**. 2007. Disponível em: <http://www.cult.ufba/maisdefinições/forrópdf>.

SELBACH, S. et al (Orgs.). Geografia e didática. Rio de Janeiro: Vozes. 2010.

SILVA, André Luiz da. **A descaracterização do forró influenciada pela indústria cultural através das bandas de forró**. Revista eletrônica: temática disponível em http://www.insite.pro.br/2003/out/forro_industriaculltural_bandas.

TROTTA, Felipe. **Forró eletrônico no nordeste: Um estudo de caso**. In. texto, Porto Alegre: UFRGS, V. L, n. 20p,102-116, jan./ jun. 2009 a.

TROTTA, Felipe. **Música Popular e sexualidade: reflexões sobre o forró contemporâneo contra campo em comunicação**, UFF, Niterói n. 20, ago. 2009b.

VEIGA JÚNIOR, Manuel Vicente Ribeiro. **Religião e música: Variações em busca de um tema**. Cad. CRH, Dez 2013, vol.26, p. 477-492.

VILELA, Ivan. **Uma proposta para o uso da música no segmento do turismo rural**. *Estud. av.*, 2013, vol.27, no.79, p.207-223.

VERUNSCHK, Micheliny. **Nordestinidade: identidade e machismo no forró pé de serra** Motta, Ana Raquel. **O papel da música nas atividades de trabalho**. *Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso*, Ago. 2015, vol.10, no.2, p.90-114. E no forró eletrônico. *Galáxia (São Paulo)*, Jun. 2015, no.29, p.304-307.

VELOSO, Jalber, **A história do forró – O ritmo, dança, música**. Disponível em: <http://pt.shvoong.com/internet-and-technologies/378747-hist,c3B3,B3-ritmo-dan,c3,A7am,c3,B3sica/> acesso em 10 de maio 2016.

www.somzoomsat.com. Acesso em: 05 agosto. 2017.

www.portaldoforró.com.br/história. Acesso em: 05 agosto. 2017

<https://www.lettras.mus.br>. Acesso em: 10 novembro. 2017

ANEXO

<u>Camarote</u>	<u>A Carne É Fraca</u>
<u>Wesley Safadão</u>	<u>Wesley Safadão</u>
<p>Como é que você ainda tem coragem de falar comigo? Além de não ter coração, não tem juízo Fez o que fez e vem me pedir pra voltar</p>	<p>A carne é fraca, o coração é vagabundo Mesmo assim eu ainda bebo E não te esqueço, e não te esqueço</p>
<p>Você não merece um por cento do amor que eu te dei Jogou nossa história num poço sem fundo Destruiu os sonhos que um dia sonhei Quer saber? Palmas pra você! Você merece o título de pior mulher do mundo</p>	<p>Toda noite sai com os amigos Sai pra balada, só pra beber Pensamento já viaja logo E no segundo copo começo a pensar Coração logo acelera Quando penso em você Toda noite eu bebo todas E não consigo te esquecer!</p>
<p>Agora assista aí de camarote Eu bebendo gela, tomando Ciroc Curtindo na balada, só dando virote E você de bobeira sem ninguém na geladeira</p>	<p>A carne é fraca, o coração é vagabundo Mesmo assim eu ainda bebo E não te esqueço, e não te esqueço</p>
<p>Agora assista aí de camarote Eu bebendo gela, tomando Ciroc Curtindo na balada, só dando virote E você de bobeira sem ninguém na geladeira Pra aprender que amor não é brincadeira!</p>	<p>Toda noite sai com os amigos Sai pra balada, só pra beber Pensamento já viaja logo E no segundo copo começo a pensar Coração logo acelera Quando penso em você</p>
<p>Como é que você ainda tem coragem de falar comigo? Além de não ter coração, não tem juízo Fez o que fez e vem me pedir pra voltar</p>	<p>Toda noite eu bebo todas E não consigo te esquecer!</p>
<p>Você não merece um por cento do amor que eu te dei Jogou nossa história num poço sem fundo Destruiu os sonhos que um dia sonhei Quer saber? Palmas pra você! Você merece o título de pior mulher do mundo</p>	<p>A carne é fraca, o coração é vagabundo Mesmo assim eu ainda bebo E não te esqueço, e não te esqueço</p> <p>A carne é fraca, o coração é vagabundo Mesmo assim eu ainda bebo E não te esqueço, e não te esqueço</p>
<p>Agora assista aí de camarote Eu bebendo gela, tomando Ciroc Curtindo na balada, só dando virote E você de bobeira sem ninguém na geladeira</p>	<p>A carne é fraca, o coração é vagabundo Mesmo assim eu ainda bebo E não te esqueço, e não te esqueço</p>
<p>Agora assista aí de camarote Eu bebendo gela, tomando Ciroc Curtindo na balada, só dando virote E você de bobeira sem ninguém na geladeira Pra aprender que amor não é brincadeira!</p>	<p>Composição: Diney Alves</p>
<p>Composição: JOTA REIS / Neto Barros</p>	

Meio Dia

Mastruz com Leite

Escorro o suor do meio dia
 Assobiando a melodia
 Eu tento saciar
 Com o gole da cabaça
 Passa a sede mas não passa
 O jejum o jejum há
 O sol esquenta minha cabeça
 Vixe maria não se esqueca
 Também de esquentar
 Com seus beijos minha vida
 Eo sobejo da comida
 Que sobrou do jantar
 João acabou-se a farinha
 E o querosene da cozinha
 No feijão burbui já deu
 Pai traz um vestido de chita
 Que eu quero ficar bonita
 Bonita que nem um mateu
 Tenha paciência minha gente
 Foi a seca e a enchente
 E o culpado não sou eu
 Composição: Luis Fidelis

Raízes do Nordeste

Mastruz com Leite

No meu sertão tem de tudo
 De bom que se possa imaginar
 Tem um sol clareando
 La onde canta o sabiá

Tem a bondade nos olhos
 De um homem trabalhador
 Que usa chapéu de palha
 Com humildade, sim senhor

Tem a bondade nos olhos
 De um homem trabalhador
 Que usa chapéu de palha
 Com humildade sim senhor

No meu sertão xique-xique
 É a bandeira do nordeste

Tem forró, vaquejada, xote
 Baião de leste a oeste

Tem a bondade nos olhos
 De um homem trabalhador
 Que usa chapéu de palha
 Com humildade sim senhor

Tem a bondade nos olhos
 De um homem trabalhador
 Que usa chapéu de palha
 Com humildade sim senhor

Mas apague a lamparina
 Deixe o lampião
 Lampião de Virgulino
 Ninguém bole não

Já pensou no reboiço
 Que aqui pode dar
 Se apagar o lampião
 A coisa vai mudar...

Composição: Rita De Cácia